

SOBRE GRAVATAS E PROFETAS

Suzana Ribeiro Souza*

Desculpe-me
Por rejeitar suas responsabilidades
E as suas gravatas,
Apelativas quando apertadas
Ao redor do pescoço alheio.
Tudo o que quero é jogá-la
E vê-la pousar no lustre
Enquanto pouso no sofá.

Perdoe-me
Por não querer seu poder
O seu falso profeta da eternidade.
Ainda que suas nuvens estejam carregadas
Elas podem fugir dos céus
Quando fugirem de seus olhos.
É da natureza das nuvens.

Sinto muito
Por não querer sua grande vida,
Pois já tenho minhas vidas felinas.
Em nenhuma delas há relógios ou calendários,
Mas há sempre gravatas e profetas a arranhar.
Prossigo perseguindo minhas vidas,
Por entre as janelas quebradas.

* Natural de Feira de Santana-BA (1998), Suzana Ribeiro Souza faz bacharelado em Direito (UEFS). Escreveu os primeiros versos ainda no ginásio, onde um professor de redação a incentivou, ainda no colégio, ganhou alguns concursos internos de redação e poesia. Teve seu primeiro poema publicado em 2017, através de Concurso Municipal de Poesia

Justificativa: Fruto da conjugação dos devaneios da autora e da leitura de “A Democracia na América” de Tocqueville, o poema traz uma reflexão crítica acerca do formalismo e conservadorismo, por vezes opressor, imposto pela prática jurídica, que pode parecer apelativa quando apreciada de certa distância, mas reflete a artificialidade e o caráter excludente do preciosismo e pretensão do meio jurídico, reforçando a ideia de que o judiciário é a nova nobreza.